

O Lugar dos 'Agrários' no lugar de Welty em *Delta Wedding*



Maria Teresa Castilho | Universidade do Porto, Portugal

Em 1972, numa entrevista dada a Linda Kuehl, Eudora Welty dizia: “I just think of myself as writing about human beings and I happen to live in a region, as do we all so I write about what I know” (Prenshaw 87). E continuava ainda a escritora nessa mesma entrevista, respondendo à pergunta se o lugar seria a sua fonte de inspiração: “Not only that, it’s my source of knowledge”.

Quer em várias entrevistas, quer na sua autobiografia, Eudora Welty sempre acentuou que o lugar onde viveu embebeu o seu conhecimento e saber relativamente ao mundo e à vida. Desse modo, Welty aproxima-se de algumas vertentes críticas que defendem que a ficção é engendrada no mundo vivido e experienciado.¹ Assim, ao vermos a própria escritora defender estas conceções em volta do lugar, melhor compreendemos a insistência de diferentes leituras da sua ficção, acentuando que quer o seu lugar ficcional quer o seu próprio imaginário estão informados pelo estado do Mississippi. Partilhando também desta leitura, sublinho que é precisamente esse mesmo lugar ficcional, associado ao imaginário da escritora, que engendra desde logo a condição de uma diferença que, como eu mesma já considerei noutros momentos, é uma diferença criada pela própria condição do lugar e da cultura onde Welty cresceu e se desenvolveu, e que surge associada ao sentido de lugar.² Tudo isto acaba por ser premente não para o aprofundamento e estudo deste ou daquele tema

na ficção de Eudora Welty, e aqui em particular em *Delta Wedding*, mas sim para a compreensão do meu entendimento da afirmação (contida) de uma diferença cultural neste romance de 1946.

O quadro crítico tem sobretudo vincado em *Delta Wedding* ou a celebração de um passado perdido em volta de um lugar muito específico ou então o repensar, pela memória, desse mesmo passado. Mas se logo na abertura do romance se percebe a celebração do lugar, da região em si mesma – “In the Delta the sunsets were reddest light. The sun went down lopsided and wide as a rose on a stem in the west, and the west was a milk-white edge, like the foam of the sea. The sky, the field, the little track, and the bayou, over and over – all that had been bright or dark was now one color” (Welty 4-5) – é igualmente importante perceber que Welty oferece também um cuidadoso estudo da vida e do sentido de família, moldada por códigos e concepções mais tradicionalmente agrárias. É que na história dos e das Fairchilds e na de Shellmound, Welty pensa os homens e as mulheres como herdeiros e herdeiras de um passado e de uma cultura, que informa e condiciona o seu ser e a sua história, e celebra uma família tradicionalmente sulista, presa a uma velha plantação e a uma hierarquia vinda e sustentada pelos códigos e pelos valores familiares que as tias Primrose e Jimm Allen representam e procuram perpetuar.

Delta Wedding, contrariamente ao que John Crowe Ransom afirmou aquando da publicação do romance, não é um dos últimos romances na tradição do “Velho Sul” (Ransom, “Delta Fiction” 507). Este romance é sim, a meu ver, um dos primeiros, senão o primeiro, a anunciar a possibilidade e a ação do fim redentor da fantasia do passado sulista.

Ao concluir *Delta Wedding*, o leitor vê-se chegado ao episódio que apresenta uma das mais belas e poéticas descrições do romance, e que tudo deixa em aberto:

“Oh, beautiful!’ Another star fell in the sky.

Laura let go and ran forward a step. 'I saw that one too'.

'Did you?' said somebody – Uncle George.

'I saw where it fell', said Laura, bragging and in reassurance. She turned again to them, both arms held out to the radiant night." (Welty 247)

Laura surge aqui de braços abertos, como que abraçando o universo que aos seus olhos se rasga e se abre. Nela e com ela, neste momento epifânico, emerge a afirmação da necessidade e da importância da tomada de consciência do que nos envolve e constrói, já que é neste processo que se encerra a nossa identidade. Mas surge aqui igualmente a metáfora de um Sul que se quer voltado para os horizontes do seu futuro.

Em *Delta Wedding*, Eudora Welty escolhe um lugar identitariamente definido para nos colocar diante de uma diferença que se afirma pela metáfora, que neste texto é construída em volta da história dos e das Fairchilds em geral e de Laura mais em particular. Como Paul Binding muito bem vinca, este romance "is more overtly metaphoric of the South than any of Eudora Welty's later novels" (132). É que a plantação e os homens e as mulheres que ali vivem constituem no seu todo a metáfora de um "locus" que ficou preso à fantasia do passado: o Sul que viu, por um lado, no sentido de família o centro de uma concepção agrária, e que movido e entorpecido por uma visão ideologicamente fantasiada não olhou de frente o discurso da sua própria construção; por outro lado, também o Sul que irrefletida e precipitadamente acolheu, a partir do desfecho da guerra civil, as mudanças trazidas pela sua americanização. Porém, encontramos também em *Delta Wedding* a metáfora do Sul dividido entre o acreditar nas fantasias do seu passado, querendo, por isso, perpetuá-las e a ansiedade instalada pelo desejo de acolher mudanças e concepções que tinham no seu centro noções de progresso, industrialização e urbanismo capitalista, ditadas pelo Norte dominante e dominador.

A narração de *Delta Wedding* decorre em volta de Laura e do modo como a jovem vai sendo introduzida e envolvida no e pelo “matriarcado” tradicionalmente preso à vida de plantação sulista. E são vários os momentos no romance que simbolizam a iniciação de Laura naquela ordem familiar. O arrastar da jovem por Ellen para a cozinha para fazer um bolo e a sua participação nos rituais epitalâmicos em que acaba por tomar parte ativa no casamento de Dabney, sua prima, são dois momentos significativos na estrutura do romance, que dão conta desse mesmo processo de iniciação que poderia ter levado Laura a alhear-se em definitivo do seu tempo e querer ficar para sempre em Shellmound. Porém, a iniciação da jovem não se limita afinal, percebe o leitor mais atento, aos muros de encarceramento de Shellmound e Laura acaba, assim, por não mergulhar definitivamente nesse cárcere do passado, o que a acontecer a levaria a trair o seu próprio tempo, o que, por seu turno, representaria a sua própria condenação. Como a narradora refere, “if she could not think . . . she was doomed; and she was doomed, for the memory was only a flicker, gone how” (Welty 134). Apesar de ter anteriormente aceitado com entusiasmo o convite para ficar em Shellmound, Laura sente ter de regressar a Jackson, sente ter de abandonar o aconchego fátuo da plantação e voltar ao mundo urbano de 1923, que é também o mundo de seu pai: “Laura felt that in the end she should go – go from all this, go back to her father” (Welty 237).

Mas esta decisão não deve ser entendida nem como recusa dos valores sulistas de que Shellmound está permeada, nem como negação de pertença àquele lugar e a tudo o que identitariamente ele representa. No complexo acumular de planos e de sentidos de *Delta Wedding*, o regresso de Laura a Jackson é, por um lado, o resultado do crescimento interior da jovem junto da família de sua mãe e, por outro, é a consequência da interiorização de um legado que a prepara para entender como lidar com e rever as mudanças que o tempo do seu presente ali impôs; um presente que carrega consigo a ameaça de poder

apagar para sempre a condição da diferença daquele lugar urbano no contexto americano de 1923.

No final do romance fica implícito que, apesar de Laura ter de abandonar o mundo pastoril de Shellmound, nutrido pelos ciclos da fertilidade da natureza, ela saberá recuperar e assimilar do passado os valores colhidos nos escombros da hipostenia da plantação, levando-os consigo para Jackson. O envolvimento de Laura em Shellmound, a absorção de uma herança cultural e de uma tradição presas a esse lugar, é um dos planos que o leitor encontra na sua leitura de *Delta Wedding*; um plano que, a meu ver, implícita e metaforicamente se opõe na ficção ao que social e politicamente ocorria no Sul controlado por uma América industrializada e materialista à data da publicação do romance. Porém, no simbólico abandono da plantação e no regresso de Laura a Jackson, entendemos também o regresso da jovem ao seu presente e, assim, ao próprio futuro do Sul, que nos horizontes daquela cidade sulista, em 1923, se desenhava.³

A data de 1923 só por si está presa à década do pós Primeira Guerra Mundial. Tratando-se de uma década plena de significado no contexto da história americana, caracterizada pela perda de princípios e valores, no Sul, essa década pautou-se pela intensificação de mudanças e rasuras na diferença cultural daquela região, e que desde a reconstrução vinham já ali a instalar-se. Porém, os modelos de industrialização capitalista, que a pouco e pouco voltavam o Sul de costas para si mesmo, mais se intensificaram e se impuseram na década de quarenta do século passado. Deste modo, a escolha da data de 1923 para o romance não resulta, e não é, a meu ver, tão incaracterística quanto Welty quis afirmar, já que esta década, quer no contexto da nação americana em geral, quer no do Sul em particular, anuncia em si mesma a inevitabilidade de alterações e desaparecimento de tudo aquilo que Shellmound representa e se esforça por manter: uma visão e uma vida regida por uma ordem social e por valores

eminentemente agrários, que o progresso industrial e a visão urbana e capitalista do Norte definitivamente afastavam.

Porém, se é inegável que entendo que no final do romance Laura nega Shellmound e abraça o futuro em Jackson, estará já igualmente claro também que defendo que Welty só faz regressar a jovem ao seu tempo, a casa de seu pai, após a aprendizagem colhida na riqueza da herança que a sua passagem pela plantação lhe permitira auferir e assumir como sua. Assim, compreendida, assimilada e assumida essa herança, Laura poderá responder ao chamamento do seu tempo, regressando à cidade, sem que fique em perigo o futuro da sua identidade, brotada da imagem do velho Sul agrário que Shellmound simboliza, sem que fique apagada a consciência de pertença, por herança, àquele lugar.

É então claro que o meu entendimento de *Delta Wedding* emerge da leitura que faço da tensão entre querer celebrar o passado agrário da plantação e/ou anunciar o futuro representado por Jackson. É que no dia a dia dos homens e das mulheres Fairchild e nas histórias que envolvem Shellmound, Welty reavalia a sua região e fala do reencontro do Sul agrário consigo mesmo, com o seu próprio passado e diferença relativamente ao Norte, arauto do progresso, mas também da massificação e desumanização.

É tendo estes diferentes planos em consideração que entendo que Welty revela em *Delta Wedding* uma aproximação, embora contida, aos ideais dos *Agrários* de "*I'll Take My Stand*", aspeto que tem sido discutido sobretudo em *Loosing Battles*, e não tanto em *Delta Wedding*.

Com *I'll Take My Stand: The South and The Agrarian Tradition*, os doze intelectuais e poetas sulistas que em 1930 publicaram esse manifesto tentaram esclarecer o modo como viam, entendiam e defendiam a sua cultura, nascida no velho Sul. Fizeram-no para manifestar a sua indignação face às mudanças trazidas pelos ventos da americanização, que pouco a pouco estava a impor a

agonia da identidade da sua região. Como Louis Rubin Jr. escreve na sua introdução a *I'll Take My Stand* de 1962,

The image of the old agrarian South in *I'll Take My Stand* was the image of a society that perhaps never existed, though it resembled the Old South in certain important ways. But it was a society that should have existed – one in which men could live as individuals and not as automatons, aware of their finiteness and their dependence upon God and nature, devoted to the enhancement of the moral life in its aesthetic and spiritual dimensions, possessed of a sense of the deep inscrutability of the natural world. (Rubin, Jr. XXXI)

Os *Agrários* de Vanderbilt contestavam a grave crise de identidade do Sul, criada pelo entusiasmo cego que, sem mais, procurava a integração da região no moderno modelo de sociedade e economia americana que promovia o progresso ilimitado pela ação da tecnologia e da indústria do pós Primeira Guerra Mundial. Para os *Agrários*, naquele momento, como John Crowe Ransom sublinhou, o melhor modo de exprimir a oposição entre as concepções identitárias sulistas e as da nação seria a expressão “Agrarian versus Industrial”, pois que, e ainda citando Ransom, “the latter-day societies have been seized-none quite so violently as [their] American one-with the strange idea that the human destiny is not to secure an honorable peace with nature, but to wage an unrelenting war on nature”. (Ransom, “Reconstructed but Unregenerate” 7)

Com efeito para estes herdeiros dos *Fugitivos*, em 1930, o tempo a defender e retomar era o imaginado feliz e harmonioso passado pastoril que tinha o “yeoman” e o “planter” como pedras de sustentação de uma cultura bem diferente daquela que no Norte favorecia a industrialização e o capitalismo, mas também a desumanização e a criminalidade nas grandes cidades, em nome do progresso e do futuro.

Porém, e clarificando o que aqui tenho referido como “aproximação contida” aos ideais agrários, sublinho que essa visão social e política não será bem o ponto de vista de Welty,⁴ não se colando assim a escritora, definitivamente, em *Delta Wedding*, ao credo dos *Agrários*. Embora sublinhe neste romance um tom e um lugar que celebram um passado pastoril e agrário, também considero que não podemos pôr de lado que Eudora Welty não defende exclusivamente a recuperação do Sul agrário em oposição a um outro que emergia, em 1923, mais conforme ao “status quo” do Norte naquela década. Eudora Welty sempre negou qualquer envolvimento político da sua ficção, mas a verdade é que neste romance me parece que a escritora recupera, sem dúvida, pontos de vista associados aos *Agrários*. De facto, como muito pertinentemente Jan Gretlund, em 1994, afirmou, “in interviews Welty has repeatedly expressed Great pleasure in big-city life; but this fondness has not found a voice in her heart. On the contrary, her attitude in fiction is unrelentingly critical of the city, in the Agrarian mode” (Gretlund 77-78).

Welty deixa claro que a sua protagonista abandona o passado que Shellmound encerra para regressar definitivamente a Jackson. Porém, Laura, ao voltar ao mundo urbano da casa de seu pai, é uma jovem mais segura e enriquecida pelos ritos da vida rural do passado da plantação em que mergulhou em Shellmound. Em *Delta Wedding*, a escritora, ao balançar entre o mundo agrário da plantação e o urbano de Jackson, afinal procura e propõe na ficção resposta para o estrangulamento de que a sua região era vítima nos anos quarenta de 1900, não se mostrando nem tão politicamente ingénua como sempre quis afirmar, nem tão “unrelentingly critical of the city”, ao fazer Laura tomar a decisão de deixar para trás o mundo pastoril.

Após um retorno ao passado, ao ser iniciada na plantação, e de ter percebido um certo desconforto na sua permanência ali, Laura volta ao seu tempo. Porém, ela carrega agora consigo a herança de um saber colhido nos

ideais agrários que a plantação nela inculcou e que ela mostra querer reinventar, no seu tempo e no seu mundo. Mas que mundo? O Sul que se quer recuperado e revisto pela memória do seu passado e das suas tradições presas ao trabalho da terra e à natureza e que rejeita a obsessão nacional do progresso e da ordem industrial e capitalista; um Sul que, como Laura de braços abertos ao universo, no final epifânico do romance, tem uma herança cultural que poderá permitir-lhe ter uma palavra no âmbito do controverso contexto do período do pós Segunda Guerra Mundial americano, que promovia cegamente o progresso e a industrialização desenfreada em nome da missão imperialista da nação.

¹ Cf. Devlin, *Eudora Welty's Chronicle*.

² Num estudo publicado em 2005, Martyn Bone faz uma interessante e inovadora leitura que constitui um importante contributo para a (re)avaliação do sentido de lugar na literatura sulista. Este estudo, considerando sobretudo "Some Notes on River Country" e "Place in Fiction", propõe uma revisão e uma reinterpretação do lugar na ficção de Eudora Welty. Sobre o sentido de lugar em Welty, cf. também Jones et al., *South to a New Place: Region, Literature, Culture*.

³ Cf. Castilho, "*Delta Wedding: Um lugar de Janelas Abertas sobre os Horizontes do Devir*".

⁴ Cf. Bone, Cap. 2.

Works Cited

Binding, Paul. *The Still Moment. Eudora Welty: Portrait of a Writer*. London: Virago P, 1994.

Bone, Martyn. *The Postsouthern Sense of Place in Contemporary Fiction*. Baton Rouge: Louisiana State UP, 2005.

Castilho, Maria Teresa. "*Delta Wedding: Um Lugar de Janelas Abertas Sobre os Horizontes do Devir*." *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas* 2.7 (1990): 165-73.

Devlin, Albert J.. *Eudora Welty's Chronicle: A Story of Mississippi Life*. Jackson: UP of Mississippi, 1983.

Gretlund, Jan Nordby. *Eudora Welty's Aesthetics of Place*. Odense: Odense UP, 1994.

Jones, W. et al, eds. *South to a New Place: Region, Literature, Culture*. Baton Rouge: Louisiana State UP, 2002.

Prenshaw, Whitman Peggy, ed. *Conversations with Eudora Welty*. Jackson: UP of Mississippi, 1983.

Ransom, John Crowe. "Delta Fiction." *Kenyon Review*, 8 (Summer 1946): 503-7.

---. "Reconstructed but Unregenerate." *I'll Take My Stand: The South and the Agrarian Tradition*. John Crowe Ransom et al. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1977.

Rubin, Jr., Louis D.. "Introduction." *I'll Take My Stand: The South and the Agrarian Tradition*. John Crowe Ransom et al. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1997.

Welty, Eudora. *Delta Wedding*. London: Virago P, 1982.